

## Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista

*Knowledge and practice of primary care nurses about autism spectrum disorder*  
*Conocimiento y práctica de los enfermeros de atención primaria sobre el trastorno del espectro autista*

**Daniela dos Santos Mangueira de Almeida<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0003-3051-964X

**Adriana Sousa Carvalho de Aguiar<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0002-2726-8707

**Lorena Uchôa Portela Veloso<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0002-8062-3624

**Arethuzza de Melo Brito Carvalho<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0002-7674-8942

**Paulo César de Almeida<sup>2</sup>**

ORCID: 0000-0002-2867-802X

### Resumo

**Objetivo:** Avaliar conhecimento e prática de enfermeiros de unidades de atenção primária à saúde acerca do Transtorno do Espectro Autista. **Método:** Estudo transversal, quantitativo, com 42 enfermeiros da atenção primária de Teresina, Piauí. Utilizou-se questionário sobre características profissionais e conhecimento. Realizaram-se análises de frequência simples e associações entre variáveis, adotando-se teste da razão de máxima verossimilhança com  $p < 0,05$ . **Resultados:** Predominaram enfermeiros com 23 a 72 anos, sexo feminino (95,2%) e com mais de dez anos de atuação (78,6%). A maioria (95,2%) referiu conhecimento insuficiente na graduação, 88,1% atenderam ou suspeitaram de crianças com características do Transtorno do Espectro Autista nas consultas de puericultura, 85,7% não conheciam instrumentos de triagem e nenhum recebeu capacitação pelo serviço. Prevaleceu nível médio de conhecimento (66,7%), porém com déficits em conteúdos sobre características e etiologia. Associação estatisticamente significativa entre nível de conhecimento e faixa etária ( $p=0,033$ ). **Conclusão:** Há necessidade de formação apropriada na graduação e de educação continuada para os profissionais.

**Descritores:** Saúde da criança; Transtorno autístico; Enfermagem.

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil.

Autor correspondente:  
Adriana Sousa Carvalho de Aguiar  
E-mail: [adrianasousa@ccs.uespi.br](mailto:adrianasousa@ccs.uespi.br)

#### O que se sabe?

Casos de transtorno do espectro autista continua a crescer sendo essa condição clínica presente nas consultas de puericultura. Necessário conhecimento para identificação precoce de características sugestivas e conduta adequada.

#### O que o estudo adiciona?

Favorece diagnóstico da situação local; identificação de fragilidades na assistência e lacunas na graduação; aponta necessidade de formação apropriada sobre a temática e educação continuada aos profissionais da atenção primária.



Como citar este artigo: Almeida DSM, Aguiar ASC, Veloso LUP, Carvalho AMB, Almeida PC. Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. Rev. enferm. UFPI. [internet] 2024 [citado em: dia mês abreviado ano];13:e3953. DOI: 10.26694/reufpi.v13i1.3953

### Abstract

**Objective:** To evaluate the knowledge and practice of nurses from primary health care units about autism spectrum disorder. **Method:** Cross-sectional, quantitative study with 42 primary care nurses from Teresina, Piauí. A questionnaire on professional characteristics and knowledge was used. Simple frequency analyses and associations between variables were performed, adopting a maximum likelihood test with  $p < 0.05$ . **Results:** There was a predominance of nurses aged 23 to 72 years, female (95.2%) and with more than ten years of experience (78.6%). Most (95.2%) reported insufficient knowledge during the graduation, 88.1% assisted or suspected of children with characteristics of autism spectrum disorder in childcare consultations, 85.7% did not know screening instruments and none received training from the service. Medium level of knowledge (66.7%) prevailed, but with deficits in content on characteristics and etiology. There was a statistically significant association between level of knowledge and age group ( $p = 0.033$ ). **Conclusion:** There is a need for appropriate undergraduate training and continuing education for professionals.

**Keywords:** Child health; Autistic disorder; Nursing.

### Resumen

**Objetivo:** Evaluar el conocimiento y la práctica de enfermeros de unidades de atención primaria de salud sobre el trastorno del espectro autista. **Método:** Estudio cuantitativo transversal, con 42 enfermeros de atención primaria en Teresina, Piauí. Se utilizó un cuestionario sobre características y conocimientos profesionales. Se realizaron análisis de frecuencia simple y asociaciones entre variables mediante la prueba de máxima verosimilitud con  $p < 0.05$ . **Resultados:** Predominaron los enfermeros con edades de 23 a 72 años, del sexo femenino (95,2%) y con más de diez años de experiencia (78,6%). La mayoría (95,2%) refirió conocimientos insuficientes durante la graduación, el 88,1% atendió o sospechó de niños con características de trastorno del espectro autista en las consultas de puericultura, el 85,7% desconocía los instrumentos de tamizaje y ninguno recibió capacitación a través del servicio. Predominó un nivel de conocimientos medio (66,7%), pero con déficits en contenidos sobre características y etiología. Asociación estadísticamente significativa entre nivel de conocimientos y grupo de edad ( $p = 0,033$ ). **Conclusión:** Necesidad de una adecuada formación de pregrado y educación continua de los profesionales.

**Descriptores:** Salud infantil; Trastorno autista; Enfermería.

## INTRODUÇÃO

A saúde infantil representa uma área de atenção à saúde prioritária, em função da vulnerabilidade nessa fase da vida. A consulta de puericultura possibilita ao enfermeiro realizar a avaliação da criança, acompanhar seu crescimento e desenvolvimento, identificar sinais de suspeição clínica, conhecer problemas de saúde, prescrever cuidados e orientar as mães, além de estabelecer vínculo, comunicação e relação interpessoal.<sup>(1)</sup>

É importante que o enfermeiro esteja capacitado e possua conhecimentos acerca das principais alterações que afetam o desenvolvimento infantil, entre elas o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A detecção precoce dos sinais clínicos do TEA favorece o diagnóstico e isso acarreta vantagens significativas para o desenvolvimento da criança, minimizando prejuízos.<sup>(2)</sup>

O TEA consiste numa alteração do neurodesenvolvimento, caracterizado por comportamentos restritivos, repetitivos e estereotipados, que variam em menor ou maior intensidade, além de dificuldades na interação e na comunicação social. Para potencializar o desenvolvimento infantil e minimizar tais sintomas, são necessárias condutas específicas e precoces.<sup>(3)</sup>

A criança com diagnóstico de TEA necessita de acompanhamento multiprofissional. Nesse contexto, a assistência de enfermagem é de grande relevância na prestação de cuidados que contribuirão para melhorar a qualidade de vida, a promoção do desenvolvimento infantil, facilitar o acesso às informações e o direcionamento aos serviços de saúde essenciais.<sup>(4)</sup>

No entanto, apesar da importante atuação do enfermeiro, trata-se de um assunto pouco abordado na grade curricular do curso de graduação em enfermagem nas universidades, fazendo com que os profissionais tenham pouca proficiência na assistência a esse público.<sup>(5)</sup>

Tal fragilidade na formação acadêmica reflete na atuação profissional, pois muitas crianças deixam de ser avaliadas adequadamente, levando a identificação tardia dos sinais e sintomas e de intervenções que poderiam minimizar as perdas funcionais ocasionadas pelo TEA.<sup>(6)</sup>

Diante do exposto e da escassez de estudos relacionados à temática, foi delimitada a seguinte questão norteadora: Qual é o conhecimento e como é a prática dos enfermeiros que trabalham na atenção básica em relação ao TEA? Assim, este estudo objetivou avaliar o conhecimento e a prática de enfermeiros atuantes nas unidades de atenção primária acerca do TEA.

## MÉTODOS

Estudo descritivo, de delineamento transversal, com abordagem quantitativa. A população do estudo foi constituída por 69 enfermeiros, número equivalente à quantidade de enfermeiros atuantes nas

unidades de atenção primária (UAPS) da regional norte, do município de Teresina, Piauí. Estabeleceu-se uma amostragem não probabilística, por conveniência, adotando-se como critérios de inclusão: atuar na Estratégia Saúde da Família (ESF) e realizar consultas de puericultura. Por sua vez, os critérios de exclusão foram: UAPS localizadas em zonas rurais e profissionais que estivessem de férias, folga ou licença-saúde durante o período de coleta de dados. Como resultado, obteve-se uma amostra composta por 42 enfermeiros.

Dados foram coletados no período de maio a junho de 2022 por meio de instrumento autoaplicável pelo enfermeiro em seu consultório, contando apenas com a presença do pesquisador, o qual foi recolhido após o preenchimento completo, visando evitar viés de uma possível consulta do profissional a referenciais teóricos.

O questionário foi estruturado em duas partes. A primeira abordou informações sobre a caracterização profissional; e a segunda parte contemplou a avaliação do conhecimento sobre TEA, constituída por 21 afirmações, para as quais o enfermeiro assinalou se eram verdadeiras ou falsas. Ressalta-se que o instrumento que avaliou o conhecimento foi elaborado segundo os preceitos do manual “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo”.<sup>(7)</sup>

Foi atribuído um ponto a cada questão, de modo que a pontuação do instrumento variou de 0 a 21 pontos, tendo como cortes estabelecidos para a classificação do nível de conhecimento: nível regular – menor ou igual a 11 pontos (menor ou igual a 50%) ; nível médio – de 12 a 16 pontos (51% a 80%) e nível elevado – maior ou igual a 17 pontos (maior ou igual a 81%).<sup>(8)</sup>

O instrumento de coleta de dados que avaliou o conhecimento sobre TEA foi previamente validado por especialistas nas áreas de saúde da criança e saúde mental, obtendo índice de validade de conteúdo geral (IVC) de 0,90 de concordância sobre os itens do questionário quanto à pertinência, à relevância e à clareza de cada item.

Os dados foram organizados no Excel e analisados com o uso do software PASW Statistics for Windows (SPSS), versão 20.0. Para as associações entre as variáveis, utilizou-se o teste da razão de máxima verossimilhança, considerando-se como estatisticamente significantes as análises quando  $p < 0,05$ .

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sob parecer 5.361.620 e CAAE 57823122.8.0000.5209.

## RESULTADOS

A Tabela 1 mostra a caracterização social e profissional dos participantes. Observou-se predominância do sexo feminino (40; 95,2%), na faixa de 40 a 59 anos (25; 59,5%), com especialização (33; 78,6%) e tempo de atuação de mais de dez anos na Estratégia Saúde da Família (33; 78,6%).

Quanto ao conhecimento adquirido na graduação sobre TEA, os profissionais (25; 95,2%) consideraram insuficiente, apesar do fato de que julgaram (41; 97,6%) ser um tema importante que deveria ser melhor trabalhado. Foram unânimes (42; 100,0%) quanto ao fato de que nunca receberam capacitação sobre TEA ofertada pelo serviço.

**Tabela 1.** Distribuição dos enfermeiros segundo características sociodemográficas e formação profissional, Teresina - PI, Brasil, 2022 (N= 42)

Variáveis	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	40	95,2
Masculino	2	4,8
<b>Faixa etária(anos)</b>		
23 - 39	10	23,8
40 - 49	10	23,8
50 - 59	15	35,7
60 - 72	7	16,7
<b>Titulação</b>		
Especialização	33	78,6
Mestrado/Doutorado	9	21,4
<b>Tempo de atuação na ESF(anos)</b>		
Até 5	6	14,3
6 a 10	3	7,1
Mais de 10	33	78,6

<b>Conhecimento adquirido na graduação sobre TEA</b>		
Sim	2	4,8
Não	40	95,2
<b>Considera importante ser abordado na graduação</b>		
Sim	41	97,6
Não	1	2,4
<b>Recebeu capacitação</b>		
Sim	-	-
Não	42	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Com relação à prática profissional, a Tabela 2 apresenta que os enfermeiros (37; 88,1%) já atenderam ou suspeitaram de crianças com sinais indicativos do TEA nas consultas de puericultura. Em contrapartida, eles mencionaram (41; 97,6%) que o serviço não dispõe do uso de protocolos para rastreamento/triagem de sinais do TEA e que não conhecem (36; 85,7%) instrumentos específicos para detecção precoce dessas manifestações.

A maioria dos enfermeiros (38; 90,5%) mencionou sentir pouca ou nenhuma segurança para atuar na assistência quanto à identificação dos sinais clínicos de alerta para o TEA. Ao identificar crianças com esses sinais, a conduta mencionada foi o encaminhamento ao médico da equipe ou especialista.

No que se refere às estratégias usadas para identificação de alterações no desenvolvimento infantil, apenas um enfermeiro (2,3%) mencionou utilizar instrumento específico de rastreamento para TEA. A maior parte destacou a escuta dos relatos dos pais (34; 80,9%) juntamente com a observação da criança (33; 78,5%).

**Tabela 2.** Distribuição dos enfermeiros segundo a prática nas consultas de puericultura e rastreamento de sinais de alerta para o Transtorno do Espectro Autista, Teresina - PI, Brasil, 2022 (N= 42)

Variáveis	N	%
<b>Atendeu ou suspeitou de crianças com manifestações do TEA</b>		
Sim	37	88,1
Não	5	11,9
<b>Protocolos para rastreamento de sinais do TEA</b>		
Sim	1	2,4
Não	41	97,6
<b>Conhece instrumento de rastreamento dos sinais do TEA</b>		
Sim	6	14,3
Não	36	85,7
<b>Utiliza material educativo nas consultas</b>		
Sim	21	50,0
Não	21	50,0
<b>Sente-se seguro para identificar sinais do TEA</b>		
Sim	4	9,5
Não	21	50,0
Pouco	17	40,5
<b>Conduta diante da identificação de sinais de alerta para TEA</b>		
Encaminhamento médico da equipe ou especialista	42	100,0
<b>Estratégias para identificação de alterações no desenvolvimento infantil*</b>		
*Instrumento para o rastreamento dos sinais de TEA	1	2,3
Observação da criança quanto aos sinais de alteração	33	78,5

Fala dos pais para avaliação de sinais de problemas do desenvolvimento	34	80,9
Marcos do desenvolvimento, conforme descritos na caderneta de saúde da criança	31	73,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

\*Mais de uma das opções foi assinalada pelos participantes da pesquisa

Quanto à avaliação do conhecimento sobre TEA, a Tabela 3 apresenta o quantitativo de acertos das questões pelos enfermeiros. As questões com maior índice de acertos que variou de 81,0 % a 95,2% corresponderam aos itens 1, 3, 5 a 7, 9, 16 e 19, que versaram sobre comunicação, aspectos epidemiológicos, etiologia, rotinas e recursos terapêuticos do TEA. As questões 2, 4, 8, 11, 15, 17, 18 e 21 apresentaram os mais baixos índices de acertos, de 23,8% a 61,9%, e estiveram relacionadas aos conteúdos sobre conceitos, manifestações clínicas, tratamento medicamentoso e etiologia.

**Tabela 3.** Distribuição de acertos dos enfermeiros quanto ao conhecimento acerca do Transtorno do Espectro Autista, Teresina - PI, Brasil, 2022 (N= 42)

Questões	N	%
1. A criança com TEA deve ser considerada uma pessoa com deficiência para os efeitos legais (V)	34	81,0
2. TEA engloba alterações do neurodesenvolvimento, condições inseridas num mesmo grau de comprometimento (F)	15	35,7
3. O TEA tem maior incidência em crianças do sexo feminino (F)	38	90,5
4. Características específicas do TEA podem ser identificadas no período neonatal (F)	26	61,9
5. Crianças com TEA podem apresentar desde a ausência completa de fala até uma linguagem aparentemente adequada, mas com particularidades (F)	34	81,0
6. A etiologia do TEA está associada a múltiplos fatores, entre eles, genéticos, biológicos e ambientais (V)	35	83,3
7. A criança com TEA apresenta ausência de expressões faciais visando à comunicação (V)	38	90,5
8. A criança com TEA pode apresentar sensibilidade exacerbada ou diminuída a estímulos sensoriais (V)	10	23,8
9. Crianças com TEA têm dificuldade na modificação da alimentação (V)	36	85,7
10. A criança com TEA pode tender à ecolalia (V)	32	76,2
11. Crianças com TEA tendem a explorar os objetos e suas funções (F)	15	35,7
12. Crianças com TEA podem tê-lo associado à deficiência intelectual (V)	31	73,8
13. Na criança com TEA, usualmente, a direção do sorriso é difusa, não dirigida ao outro, sem motivo identificável ou a criança não sorri (V)	33	78,6
14. Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) é um instrumento de rastreamento do TEA (V)	32	76,2
15. Existem medicamentos específicos para o TEA (F)	25	59,5
16. Sintomas do TEA como insônia, condutas agressivas e estereotípias podem ser atenuados com o uso de medicação psiquiátrica (V)	36	85,7
17. Crianças com TEA demonstram intensa manifestação de desagrado quando diante de rotinas ritualizadas no seu dia a dia (F)	20	47,6
18. Característica comum à criança com TEA é demonstrar atenção e reciprocidade social às falas materna e de familiares (F)	18	42,9

19. O medicamento é o principal recurso terapêutico para a pessoa com TEA (F)	40	95,2
20. O interesse por jogos de faz-de-conta e as brincadeiras de imitação estão presentes na criança com TEA (F)	30	71,4
21. Infecções perinatais, prematuridade e asfixia ao nascimento estão entre as possíveis causas ambientais do TEA (V)	16	38,1

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto à classificação do nível de conhecimento, a Tabela 4 aponta que a maioria (28; 66,7%) dos profissionais apresentou nível médio de conhecimento, que correspondeu ao acerto de 12 a 16 questões (51% a 80%). Apenas oito (19,0%) enfermeiros apresentaram nível de conhecimento elevado.

**Tabela 4.** Nível de conhecimento dos enfermeiros acerca do Transtorno do Espectro Autista, Teresina - PI, Brasil, 2022 (N= 42)

Nível de conhecimento	N	%
Nível regular	6	14,3
Nível médio	28	66,7
Nível elevado	8	19,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A Tabela 5 mostra associação estatisticamente significativa entre o nível de conhecimento e a faixa etária ( $p= 0,033$ ), observando-se que prevaleceu o nível de conhecimento elevado entre os profissionais mais jovens (40%). O nível médio de conhecimento foi mais frequente entre os enfermeiros com titulação de mestrado/doutorado (77,8%) e com menos tempo de atuação na Estratégia Saúde da Família (ESF) (83,3%).

**Tabela 5.** Associação do nível de conhecimento dos enfermeiros acerca do Transtorno do Espectro Autista, relacionado com variáveis sociais e profissionais, Teresina - PI, Brasil, 2022 (N= 42)

	Regular N (%)	Médio N (%)	Elevado N (%)	p
<b>Faixa etária (anos)</b>				<b>0,033</b>
23 - 39	-	6 (60,0)	4 (40,0)	
40 - 49	-	8 (80,0)	2 (20,0)	
50 - 59	3 (20,0)	10 (66,7)	2 (13,3)	
60 - 72	3 (42,9)	4 (57,1)	-	
<b>Titulação</b>				<b>0,698</b>
Especialização	5 (15,2)	21 (63,6)	7 (21,2)	
Mestrado/Doutorado	1 (11,1)	7 (77,8)	1 (11,1)	
<b>Tempo de ESF</b>				<b>0,185</b>
Até 5	-	5 (83,3)	1 (16,7)	
6 a 10	-	1 (33,3)	2 (66,7)	
Mais de 10	6 (18,2)	22 (66,7)	5 (15,2)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.  
p do teste da razão de máxima verossimilhança

## DISCUSSÃO

Ao apontar percentual elevado de atendimento ou suspeição clínica de crianças com manifestações do TEA em consultas de puericultura, este estudo demonstra o quanto essa condição clínica está presente nos serviços de atenção primária. Em contrapartida, os enfermeiros não se sentem totalmente seguros na assistência a essas crianças, ainda existindo lacunas relacionadas ao déficit de conhecimento.

Pesquisas mostram que o número de casos de transtorno do espectro autista continua a crescer, tornando-se um desafio para os profissionais que prestarão cuidados a essas crianças.<sup>(9)</sup>

Tal problema inicia-se na própria formação profissional. Ao evidenciar que a maioria dos profissionais relatou não ter obtido conhecimento suficiente sobre TEA, apesar do tema ter sido julgado como relevante, esse estudo corrobora com outras pesquisas que apontam o déficit de conhecimento sobre o tema entre os graduandos de enfermagem. É o caso do estudo realizado na Universidade de Brasília, no

qual todos os participantes citaram não ter adquirido conhecimento suficiente sobre essa temática ao longo da graduação e mais de 90% mencionaram não ter segurança para atuar na assistência a esse público.<sup>(10)</sup>

Esse déficit de conhecimento sobre TEA foi identificado não somente na enfermagem, mas, também, em cursos como educação física, psicologia ou medicina.<sup>(11)</sup> Esse fato nos desperta para o questionamento sobre se os cursos de graduação, em geral, tratam com relevância assuntos como o TEA ainda no contexto de formação dos profissionais de saúde.

Uma pesquisa com estudantes de medicina da Universidade do Alabama, nos Estados Unidos, apontou que mais de 85% dos participantes avaliaram como escasso seu conhecimento geral sobre TEA e que não estavam familiarizados com problemas sensoriais que muitas vezes estão presentes nesse público. Também foi apontado que a capacitação didática e clínica foi insuficiente para adquirir habilidades para o diagnóstico precoce.<sup>(12)</sup>

Diante da prevalência e da complexidade do TEA, abordá-lo ainda na formação acadêmica de enfermeiros, como também dos demais estudantes da área da saúde, é importante para que adquiram mais proficiência em relação aos meios de realizar uma assistência qualificada.<sup>(11)</sup> Portanto, percebe-se que, diante da identificação das dificuldades apresentadas pelos participantes da presente pesquisa e dos resultados apontados em demais estudos, torna-se indispensável uma atenção maior a este tema na graduação.

O conhecimento sobre TEA é necessário para identificar e reconhecer, de forma precoce, as primeiras características de alteração durante o período de crescimento e desenvolvimento da criança. Entre os fatores que dificultam o manejo precoce, tem-se tanto a falta de capacitação ofertada pelo serviço à equipe quanto a ausência de divulgação de materiais específicos facilitadores à detecção. A ideia de que a identificação de sinais e sintomas sugestivos do TEA não é responsabilidade do enfermeiro torna-se também outra barreira para a detecção precoce e a conduta adequada por esse profissional.<sup>(13)</sup>

No presente estudo, todos os enfermeiros mencionaram não ter recebido capacitação sobre o tema, e a maioria relatou que o serviço não utilizava protocolos ou instrumentos de rastreamento para detecção dos sinais do TEA. Apenas alguns enfermeiros mencionaram conhecer instrumentos de rastreamento desses sinais, mas somente um referiu utilizá-los como estratégia para identificação de alterações.

Resultado semelhante é observado em pesquisa com enfermeiros da ESF de Santa Catarina, o qual mostrou que os profissionais não realizavam triagem com uso de instrumentos específicos para os sinais de TEA. O modo como os profissionais avaliavam os sinais de risco do desenvolvimento, usualmente, era por meio da observação, relato dos pais e pela carteira das crianças que mostra os marcos do desenvolvimento conforme a idade.<sup>(14)</sup>

Em contrapartida, um estudo que fez rastreamento dos sinais de autismo infantil por enfermeiros da atenção primária à saúde, por meio do instrumento denominado M-CHAT, revelou que 20,45% das crianças apresentavam características clínicas sugestivas de TEA, as quais foram encaminhados ao especialista para obter diagnóstico adequado.<sup>(15)</sup>

Ressalta-se que, para fornecer subsídios aos profissionais da saúde, principalmente da atenção primária, o Ministério da Saúde publicou manuais com diretrizes e instruções sobre os sinais observáveis em cada fase do desenvolvimento infantil e propôs instrumentos facilitadores de avaliação que podem ser utilizados durante as consultas. Entre os instrumentos de rastreamento de indicadores do TEA, destaca-se o *Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-Chat)*, adaptado e validado no Brasil, podendo ser aplicado por qualquer profissional de saúde.<sup>(7)</sup>

Nesse contexto, o rastreamento de sinais suspeitos de TEA torna-se fundamental como política pública, pois seria o passo inicial para identificar crianças em risco, cujo seguimento possibilitaria o encaminhamento para diagnóstico e intervenções precoces, o que favoreceria o desenvolvimento dessas crianças.<sup>(5)</sup> Portanto, a triagem dos sinais de TEA realizada pelo enfermeiro na consulta de puericultura é fundamental para a saúde infantil.

Em relação ao nível de conhecimento, apesar da maioria ter demonstrado nível médio, observaram-se déficits importantes em algumas questões específicas quanto à suspeição de manifestações clínicas do TEA, conceitos e fatores etiológicos, o que pode impactar na assistência prestada.

Em consonância, em estudo realizado com enfermeiras da ESF do Norte de Santa Catarina sobre indicadores para triagem do TEA, elas demonstraram dúvidas e dificuldades para descrever o TEA, os conceitos e suas causas.<sup>(14)</sup> Outro estudo realizado com enfermeiros da ESF do ABC Paulista apontou a insegurança e a fragilidade do conhecimento e da prática dos enfermeiros. A maioria apresentou

dificuldades em definir TEA e descrever suas características.<sup>(16)</sup> De forma semelhante, em estudo com enfermeiros da Turquia, observaram-se lacunas no conhecimento quanto à classificação do TEA.<sup>(17)</sup>

Uma pesquisa realizada na Itália mostrou que os enfermeiros possuem conhecimento básico sobre TEA e que aqueles com mais idade e com mais experiência em pediatria ou com convivência com crianças com TEA apresentaram escores mais elevados de conhecimento.<sup>(18)</sup> Um resultado diferente foi obtido no presente estudo, em que o nível de conhecimento elevado foi observado com mais frequência entre os profissionais mais jovens, o que pode estar relacionado com a formação mais recente e a inclusão dessa temática nos conteúdos disciplinares.

Quanto à conduta observada na prática dos enfermeiros participantes da pesquisa, todos mencionaram que, diante de casos suspeitos, encaminham as crianças ao médico da equipe e serviços especializados.

Nesse contexto, ressalta-se a importância do trabalho da equipe multidisciplinar na identificação precoce e na assistência as crianças com TEA. É importante que profissionais da atenção básica desenvolvam ações intersetoriais e mantenham articulação com os outros serviços da rede, como possibilidade de enriquecer diagnósticos, compartilhar intervenções e contemplar a diversidade e as particularidades de cada pessoa com TEA e sua família.<sup>(13)</sup>

Portanto, essa intersetorialidade norteia o acompanhamento terapêutico à pessoa com TEA e relaciona, entre as ações de cuidado, a rede de atenção psicossocial, principalmente, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, que são serviços de saúde mental destinados ao atendimento de crianças e adolescentes com transtornos mentais.<sup>(19)</sup>

Como limitação, aponta-se o fato de que pesquisa ocorreu com um determinado quantitativo de unidades de uma cidade brasileira, dificultando uma generalização. Assim é possível que seus achados sejam distintos ou semelhantes das demais cidades. Portanto, sugere-se a ampliação da realização dessa pesquisa envolvendo outras localidades, assim como também, não só os enfermeiros, mas outros profissionais da equipe para que se possa identificar as deficiências e promover capacitações sobre esse tema. Também, seria relevante a realização de estudos voltados para a implantação de treinamentos com os profissionais e a avaliação do seu impacto no conhecimento.

Os achados desta pesquisa contribuem para um diagnóstico da situação local, ajudam a identificar fragilidades e oportunizar o (re) pensar da prática profissional, visando à melhoria da assistência.

## CONCLUSÃO

De acordo com os resultados obtidos, nota-se a necessidade de ofertas de capacitação e conscientização sobre o tema no âmbito acadêmico e profissional. Muitos profissionais não se sentem adequadamente preparados para prestar assistência devido ao pouco contato com temática na graduação e à falta de treinamentos ofertados pelos serviços. Porém, é essencial que os enfermeiros adquiram conhecimento sobre TEA que possibilite a identificação precoce, o encaminhamento de casos suspeitos e a oferta de cuidados adequados à criança com TEA e aos seus familiares.

Percebe-se a necessidade de uma formação apropriada durante a graduação sobre o TEA e educação continuada aos profissionais da atenção primária, visto que é a porta de entrada preferencial do SUS.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Concepção ou desenho do estudo: Aguiar ASC, Almeida DSM, Coleta de dados: Almeida DSM, Análise e interpretação dos dados: Aguiar ASC, Almeida DSM, Almeida PC, Redação do artigo ou revisão crítica: Aguiar ASC, Almeida DSM, Veloso LUP, Carvalho AMB. Aprovação final da versão a ser publicada: Aguiar ASC, Veloso LUP, Carvalho AMB, Almeida PC

## REFERÊNCIAS

1. Gaíva MAM, Alves MDSM, Monteschio CAC. Consulta de enfermagem em puericultura na estratégia de saúde da família. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.* 2019;19(2):65-73. DOI: <https://doi.org/10.31508/1676-3793201900009>
2. Magalhães JM, Sousa GRP, Santos DS, Costa TKSL, Gomes TMD, Rêgo Neta MM, Alencar, DC. Nursing diagnoses and interventions in children with autism spectrum disorder: perspective for self-care. *Rev baiana enferm.* 2022;36:e44858. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.44858>



3. Sociedade Brasileira de Pediatria. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Manual de Orientação: transtorno do espectro do autismo. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria; 2019 [citado 2023 fev 10]. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/21775dMO\\_Transtorno\\_do\\_Espectro\\_do\\_Autismo\\_\\_2\\_.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775dMO_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo__2_.pdf)
4. Weissheimer G, Mazza VDA, Santana JM, Ruthes, VBTNM, Freitas CASL. Information demands from families of children with Autism Spectrum Disorder. *Revista Brasileira de Enfermagem*. [Internet]. 2021; 74(5). DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0642>
5. Magalhães JM, Lima FSV, Silva FRDO, Rodrigues ABM, Gomes AV. Nursing care to the autistic child: an integrative review. *Enfermería Global*. [Internet]. 2020;19(8). DOI: <https://dx.doi.org/egglobal.356741>
6. Falcão SMAC, Araújo JL, Resende ASS, Santos ECM, Silva LP, Alencar LN, Sampaio AC, Pedrosa SMM, Sousa BCS, Santos LBP. The role of nurses in the early detection of childhood Autistic Spectrum Disorder. *Research, Society and Development*. 2022;11(16):e238111638013. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38013>
7. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA) [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2014. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_pessoa\\_autismo.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf)
8. Gomes CC. Construção e validação do questionário: avaliação do conhecimento dos enfermeiros atuantes na atenção primária sobre alimentação infantil. [Monografia Bacharelado em Enfermagem]. Fortaleza (Brasil): Universidade Federal do Ceará; 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/25289>
9. Magalhães JM, Rodrigues TA, Rêgo Neta MM, Damasceno CKCS, Sousa KHJF, Arisawa EALS. Experiences of family members of children diagnosed with autism spectrum disorder. *Rev Gaúcha Enferm*. 2021;42:e20200437. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200437>
10. Ferreira ACSS, Franzoi MAH. Knowledge of nursing students about autistic disorders. *Rev enferm UFPE on line*. [Internet]. 2019;13(1). DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i01a237856p51-60-2019>
11. Campos TF, Braga RGN, Moura LN, Queiroz ERB de, Guedes TAL, Almeida LHA de. Analysis of the importance of the qualification of health professionals for the management of Autistic Spectrum Disorder. *Research, Society and Development* [Internet]. 2021;10(6). DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15667>
12. Austriaco K, Aban I, Willig J, Kong M. Contemporary trainee knowledge of autism: how prepared are our future providers? *Frontiers in Pediatrics*. [Internet]. 2019; 7. DOI: <https://doi.org/10.3389/fped.2019.00165>
13. Nascimento YCML, Castro CSC de, Lima JLR de, Albuquerque MC dos S de, Bezerra DG. Transto Autistic spectrum disorder: early detection by family health strategy nurses. *Rev. baiana enferm*. 2018;32:e25425. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.25425>
14. Pitz ISC, Gallina F, Schultz LF. Indicators for screening for autism spectrum disorder and its applicability in childcare consultation: nurses' knowledge. *Revista de APS*. [Internet]. 2021;24(2). DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>
15. Oliveira MVM, Almeida RN, Silva MLA, Santos EP, Moreira AS, Silva VES, Paiva LCS. Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: Um estudo na atenção primária à saúde. *Revista Arquivos*

Científicos (IMMES). [Internet]. 2019;2(2):48-53. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n2p48-53>

16. Soeltl SB, Fernandes IC, Camillo S de O. The knowledge of the nursing team about autistic disorders in children in the light of the human caring theory. *ABCS Health Sci.* [Internet]. 2021;46:e021206. DOI: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>.

17. Keklik D, Nazik E. Knowledge about childhood autism among nurses in Turkey: A cross-sectional descriptive study. *Perspect Psychiatr Care.* [Internet]. 2021;57(4). DOI: <https://doi.org/10.1111/ppc.12729>

18. Corsano P, Cinotti M, Guidotti L. Paediatric nurses' knowledge and experience of autism spectrum disorders: An Italian survey. *Journal of Child Health Care.* [Internet]. 2020;24(3). DOI: <https://doi.org/10.1177/1367493519875339>

19. Godoi LPDS, Belotti L, Garcia ÉM, Rosa TEDC, Tanaka OY. Matrix support as a networking tool between primary health care and Psychosocial Care Center: a secondary data overview. *Saúde Debate.* [Internet]. 2020;44. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E312>

Conflitos de interesse: Não

Submissão: 2023/15/02

Revisão: 2023/29/07

Aceite: 2023/02/11

Publicação: 2024/02/17

Editor Chefe ou Científico: Raylane da Silva Machado

Editor Associado: Larissa Alves de Araújo Lima

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à Revista de Enfermagem da UFPI o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution BY 4.0 que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.